



# CEST

Centro de Estudos Sociedade e Tecnologia



Universidade de São Paulo

Boletim - Volume 8, Número 02, Março/2023

## A Parceria Brasil-EUA: A Época da Construção

**Robert A. Rogowsky**

Em fevereiro deste ano, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Presidente Biden Jr. realizaram a primeira reunião de cúpula. Os dois líderes, na sua manifestação conjunta, reafirmaram a natureza fundamental e duradoura da relação entre os EUA e o Brasil. Destacaram o poder da democracia e colocaram os direitos humanos e a crise climática no centro das atenções. Condenaram o extremismo e a violência na política e a discriminação em todas as suas formas. Apoiaram medidas mais sólidas contra a desinformação que contaminaram as eleições. Destacaram os direitos aplicados ao trabalho, gênero, raça e as pessoas LGBTQI+.

Estes são critérios da agenda progressista moderna. Com este espírito, a declaração conjunta que fizeram deu prioridade absoluta às alterações climáticas, ao desenvolvimento sustentável e à transição energética. Naturalmente, reconheceram o papel de liderança que o Brasil e os EUA desempenham e o valor da cooperação nestas áreas. Convocaram novamente o Grupo de Trabalho sobre Alterações Climáticas (GTAC) dos EUA e do Brasil para assumir a questão do desmatamento, da bioeconomia, da utilização de energia limpa, e das práticas agrícolas de baixo carbono. Concordaram em combater a fome e a pobreza, aumentar a segurança alimentar global, fomentar o comércio, promover a cooperação econômica, e reforçar a paz e a segurança internacionais. Finalmente, abordaram algumas questões básicas, tais como cooperação bilateral no comércio e investimento, saúde, ciência, tecnologia, resiliência da cadeia de abastecimento, defesa, educação e cultura, instituições multilaterais, e assuntos consulares.

*Destacaram o poder da democracia e colocaram os direitos humanos e a crise climática no centro das atenções.*

À primeira vista, a falta de visibilidade e clareza da agenda são frustrantes. Elas são as duas maiores economias do hemisfério: rivais e parceiros comerciais fortes. Ambas estão se recuperando das dificuldades democráticas. A reunião poderia ter sido um evento inovador para superar décadas de atritos, para estabelecer uma agenda clara de metas orientadas para os negócios e lançar um caminho agressivo para a integração econômica. Perdeu-se essa oportunidade.

Em um segundo momento, entretanto, há um lado bom na declaração vaga e no tom discreto. O lado positivo é o seguinte: há uma grande gama de trabalho árduo para o Brasil e os Estados Unidos fazerem juntos. O mundo está em crise. Para além das desordens acima mencionadas, há muitas outras crises: pandemias, a explosão do comércio digital criando imensos problemas de privacidade e segurança de dados e o crescente fosso do 5G e das telecomunicações entre a China e os Estados Unidos (e os seus parceiros) que divide a Internet - a chamada *splinternet*. Muitas nações ocidentais estão se "separando" e "apoiando a partilha". Muitos estão acrescentando controles mais rigorosos de entrada de investimento estrangeiro direto, novas medidas para controlar o investimento externo, e proliferando rapidamente os controles estratégicos de exportação. As sanções estão explodindo. As restrições estão crescendo para controlar a aquisição transnacional explosiva de terras agrícolas, recursos minerais, e tecnologias avançadas.

O hemisfério precisa de uma liderança eficaz construída sobre uma base forte de parceria econômica, política e social. As parcerias mais fortes crescem organicamente a partir do zero. As parcerias fortes podem crescer melhor com uma diplomacia construtiva e tranquila longe dos holofotes públicos.

As tensões permanecem, com certeza. O Brasil permanece no Relatório dos EUA "Special 301" para as violações de propriedade intelectual. As exportações de carne de porco dos EUA são proibidas a partir do Brasil. Há preocupações dos EUA sobre o tratamento do etanol e as barreiras aos automóveis e peças. Comprar



América é uma forte agenda Biden (e Democrática) posta em prática pelo Presidente com uma Ordem Executiva exigindo que o governo americano compre produtos de fabricação americana sempre que possível. O Brasil limita as empresas estatais a fornecedores nacionais. As empresas americanas continuam a se queixar de exigências documentais onerosas e inconsistentes para a importação de certos tipos de mercadorias, tais como equipamentos pesados, que se aplicam mesmo às importações de carácter temporário e destinadas a serem utilizadas em outros países.

Há muito trabalho a ser feito. E muito trabalho está sendo feito. Este trabalho difícil é melhor realizado nos bastidores e através de negociações construtivas de diplomatas profissionais e peritos técnicos dentro e fora do governo. O governo brasileiro e as partes interessadas do setor privado estabeleceram o Diálogo EUA-Brasil sobre a Indústria da Energia Limpa (Clean Energy Industry Dialogue – CEID, em inglês). O [Protocolo EUA-Brasil Relativo às Regras de Comércio e Transparência](#) entrou em vigor em fevereiro de 2022 para energizar o Acordo de Cooperação Econômica Comercial existente e o expandiu para a facilitação do comércio, boas práticas reguladoras, e anticorrupção. O [Diálogo Comercial EUA-Brasil](#) reúne desde 2006 peritos técnicos do Departamento de Comércio e do Ministério da Economia para abordar e remover barreiras ao comércio.

O Brasil abraçou a [transformação digital](#) - triplicando a quota da sua população com acesso à Internet em apenas 15 anos. Serviços digitais como as TICs, consultoria financeira e empresarial, e serviços audiovisuais cresceram de forma a representar 65% das exportações de serviços do Brasil até 2020. Junta-se aos Estados Unidos como um concorrente de classe mundial.

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo [estima](#) que incluindo o processamento e distribuição, a agricultura e o setor de alimentos do Brasil representam 29% do PIB do país (1,8 trilhões de dólares). As exportações agrícolas do Brasil, incluindo produtos processados, cresceram em média 9,4% ao ano de 2000 a 2021 e representam 37% do total das exportações brasileiras. O Brasil exporta os principais produtos agrícolas e de alimentos para 222 países e territórios e é o terceiro maior exportador mundial de produtos agrícolas, atrás da União Europeia (UE) e dos Estados Unidos. O Brasil está entre os poucos países com potencial para aumentar significativamente a produtividade agrícola. Já é um dos [cinco maiores produtores de 34 produtos](#), o maior exportador líquido do mundo, e preparado para outra [colheita recorde de cereais](#).

O Brasil claramente desafia o domínio americano nas exportações agrícolas, passando dos produtos tropicais tradicionais para soja, grãos, algodão, etanol e carnes. A

extensão de terras aráveis vem aumentando. A pesquisa agrícola melhora constantemente os resultados, as variedades, e a eficácia da terra. Tudo isso é ajudado por políticas macroeconômicas orientadas para a exportação, incentivos políticos específicos à cultura, melhores controles sanitários, aquisição de concorrentes estrangeiros no exterior, uma presença multinacional crescente, e um investimento estrangeiro de inovação no país.

Os grãos de soja destacam-se. Em 2000, as exportações de soja do Brasil representavam 40% das exportações dos EUA; são agora 20% maiores do que as dos EUA. O Brasil fornece mais de 50% da soja do mundo. Ainda mais impressionante, o [Brasil é agora o maior concorrente dos EUA no mercado global do milho](#), oferecendo milho de segunda colheita, produzido no final da campanha de comercialização local, aumentando as exportações de setembro a janeiro, meses tradicionalmente dominados pelos exportadores do Hemisfério Norte.

O sucesso do Brasil intensifica a concorrência com os Estados Unidos. A competição entre democracias intensifica a colaboração. A colaboração cria parceria, que é a única base sólida de uma liderança conjunta eficaz. Uma parceria saudável entre grandes potências é construída de baixo para cima ao longo de anos de trabalho árduo por profissionais e peritos técnicos em toda a vasta gama de atividades econômicas e responsabilidades governamentais. A diplomacia discreta, fora dos holofotes, constrói os alicerces sobre os quais a liderança colaborativa pode se apoiar. Para tudo há uma época: um tempo para semear e um tempo para colher. É agora a época do trabalho árduo e tranquilo de semear as sementes que estabelecem a base de uma verdadeira parceria EUA-Brasil.



**Robert A. Rogowsky** é professor adjunto de Comércio e Diplomacia, Middlebury Institute of International Studies.

Coordenador Acadêmico: Edison Spina

Este artigo resulta do trabalho de apuração e análise do autor, não refletindo obrigatoriamente a opinião do CEST.